

Nada mudou (MARIANA BRUGGER, RAUL MONTENEGRO, SIMONE FELÍCIO e WILSON AQUINO)

Um ano após a tragédia que matou 242 pessoas na boate Kiss e escancarou as condições precárias das casas noturnas brasileiras, ISTOÉ visita baladas do eixo Rio-São Paulo e constata que elas continuam perigosamente inseguras



HORROR - 27 de janeiro de 2013: pânico em Santa Maria na madrugada da tragédia. Um ano depois, ninguém foi punido

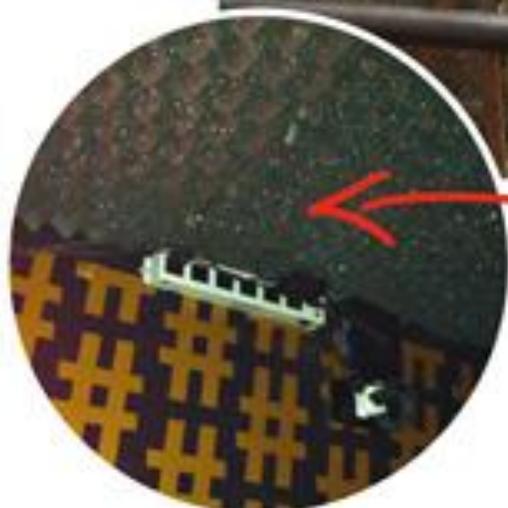
DEPOIS que passa, a gente se dá conta do absurdo que é um jovem entrar num buraco daqueles e sair morto”, diz Elaine Gonçalves, que há um ano perdeu dois filhos no incêndio da boate Kiss, em Santa Maria (RS). No dia 27 de janeiro de 2013, depois de um dia de calor intenso no interior gaúcho, 242 pessoas morreram na tragédia que escancarou ao País as condições precárias das casas noturnas brasileiras. Na época, muitas promessas foram feitas – com estabelecimentos e autoridades de todas as esferas se comprometendo a endurecer medidas de combate ao fogo no território nacional. Um ano depois, porém, quase nada saiu do papel e muitos dos “buracos” continuam funcionando sem condições mínimas de proteção. Em um deles, visitado por ISTOÉ, uma pessoa pode se deparar com uma parede de tijolos ao abrir a porta de emergência que deveria levá-la ao lado de fora.

A imagem que beira o surreal pode ser vista numa casa de shows localizada entre os bairros de Pinheiros e Vila Madalena, dois dos mais badalados de São Paulo. A reportagem foi a boates da capital paulista e do Rio de Janeiro na semana passada para verificar as condições de segurança das baladas, o que já havia feito no ano passado, e constatou que pouca coisa mudou.



Saída obstruída

Dois pares de grades de ferro que limitam a fila para entrada e saída podem impedir a fuga de pessoas em caso de incêndio na carioca Fosfobox



Fiação perigosa

Na Alberta #3, em São Paulo, a tomada fica perto do forro de espuma. A casa, que não tem alvará, diz que o material não pega fogo

Naquela madrugada de domingo em Santa Maria, a existência de uma única saída foi uma das causas apontadas por especialistas para o número de mortes. A maioria das casas noturnas visitadas possui problemas nas saídas de emergência. Na Ó do Borogodó, que emparedou um dos acessos à rua, instrumentos musicais bloqueavam outra porta da casa. De acordo com o proprietário Leonardo Gola, o prédio possui outros dois acessos que são suficientes. No pub Kia Ora, na zona oeste paulistana, uma delas leva à cozinha, que, por sua vez, termina numa passagem trancada. No Beco 203, na rua Augusta, centro de São Paulo, uma das saídas, ao lado do fumódromo, estava fechada no dia da visita. Os frequentadores também dariam com a cara na porta de emergência do Maavah, bar da zona leste paulistana que toca música sertaneja e pagode. ISTOÉ não conseguiu contato com Beco 203 e Maavah. O Kia Ora disse que um botão ao lado da porta que dá para a rua, quando pressionado, libera a passagem.

No Rio, o caso mais grave foi o da 021 Club, na Barra, cuja entrada é cercada por grades de metal fixas, empecilho invencível para sair do lugar em caso de incêndio. Apesar das três saídas de emergência, não há sinalização, aponta Vinicius Cavalcante, diretor da Associação Brasileira de Profissionais de Segurança no Rio, que acompanhou a reportagem. Procurada, a casa não se pronunciou. No centro carioca, o Pampa Grill tinha mesas e uma porta de metal obstruindo saídas.

Edgar Vargas, gerente do local, reconheceu as falhas. A Casa da Matriz, em Botafogo, chegou a ser fechada por dois dias no ano passado devido a problema de alvará, mas se regularizou. Na quarta-feira 22, entretanto, acontecia uma festa que tinha, na decoração, uma piscina de plástico na saída. "Confesso que não sabia, mas vamos alertar as produções", afirma Léo Feijó, sócio. No inferno da Kiss, sobreviventes relataram que muita gente foi parar no banheiro pensando se



tratar de uma rota de fuga. No Studio RJ, em Ipanema, há a mesma armadilha: a porta do fumódromo, que leva a um cômodo fechado, parece uma saída de incêndio. A boate não se pronunciou.

Outro problema grave é a lotação. Na boate Kiss, testemunhas contaram que havia pelo menos mil pessoas no dia do incêndio, apesar de a casa oficialmente comportar 691. Em São Paulo, num cartaz da balada D.Edge, na zona oeste, está escrito que lá cabem 360 pessoas. Funcionários ouvidos pela ISTOÉ, no entanto, afirmam que a boate recebe até dois mil frequentadores. Na segunda-feira 20, a reportagem contou entre 200 e 300 pessoas só no deque superior. Em nota, a D.Edge afirmou que possui autorização para abrigar 609 frequentadores. Na FosfoBox, em Copacabana, a placa afixada do lado de fora consta a capacidade de 100 pessoas, mas há muito mais gente do lado de dentro. Cabbet Araújo, dono, explica: "Nossa licença permite 100 pessoas por pavimento." Os materiais também são item fundamental na segurança. Na tragédia do ano passado, foi a espuma inflamável do teto que pegou fogo depois que o vocalista da banda Gurizada Fandangueira acendeu um sinalizador durante o show. Na The History, localizada na zona oeste paulistana, a reportagem flagrou uma garrafa com vela que soltava faíscas, o que não é recomendado pelos bombeiros – a administração afirmou que a chama não oferece riscos. Na casa noturna Alberta #3, no centro de São Paulo, o

teto da pista de dança também é de espuma. A fiação e uma tomada elétrica ficam próximas ao forro, mas a assessoria informa que o material é antichamas. Já na carioca Rio Music, fios expostos e assentos com espuma podem ajudar na propagação de incêndios. "Ainda existem elementos de papel na decoração", afirma Jaques Sherique, engenheiro especializado em segurança e vice-presidente do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio (CREA-RJ), que percorreu endereços noturnos com a ISTOÉ. Ulisses Xavier, sócio, informou que a casa já passou pelo processo de adequação e está em dia com os bombeiros. "Um grande problema é que esses produtos não são avaliados. Na área da saúde você não vê remédios sendo vendidos sem teste" afirma José Carlos Tomina, superintendente do Comitê Brasileiro de Segurança Contra Incêndio da ABNT.

Muitas das casas do País funcionam sem alvará. Em São Paulo, segundo a prefeitura, foram emitidas ou revalidadas 178 permissões para locais com capacidade superior a 500 pessoas em 2013. Mais 224 estabelecimentos estão abertos aguardando regularização. No Rio, 2.600 "casas de diversão" foram vistoriadas pelo município. Desses, 825 foram autuados por funcionarem sem alvará ou em desacordo com a documentação. Belo Horizonte (MG) tem apenas 34 locais de shows completamente regulares, dos 264 vistoriados em 2013. Entre os 201 estabelecimentos visitados em Porto Alegre (RS), 98 possuíam licença e 71 estão fechados por falta de documentação. Já em Salvador (BA), a prefeitura fiscalizou 64 casas noturnas no ano passado – 20 foram interditadas, mas 12 já estão funcionando. Estudiosos afirmam que há pouca gente para fazer a fiscalização. Somente 14% dos municípios brasileiros têm Corpos de Bombeiros, o principal parceiro das autoridades nesse trabalho.



Obstáculos

Para entrar na Rio Music, é preciso passar por uma escada estreita (esq.). Na Casa da Matriz (dir.), uma piscina de plástico foi colocada na frente de uma das saídas

Superlotação
Na capital paulista, a D.Edge diz que comporta 360 pessoas, mas funcionários revelam que a casa chega a abrigar até 2 mil



Teto inflamável

O tratamento acústico do Studio RJ, em Ipanema, oferece sérios riscos porque é feito de um material sintético que pega fogo facilmente (no detalhe)



Desde o caso Kiss, a legislação referente ao tema avançou um pouco. O Rio Grande do Sul aprovou regras mais duras no ano passado, como uma maior rigidez na obtenção de alvarás de prevenção contra incêndio, por exemplo, mas elas vão demorar meses para sair do papel. Em Santa Catarina, bombeiros lutam pelo poder de interditar imediatamente locais que ofereçam riscos – o que já acontece no Rio. Tomina, da ABNT, diz que é muito complicado não haver uma legislação nacional sobre o tema. “Os Estados têm sua legislação própria. Isso é muito ruim porque não há um padrão.” Depois do desastre de Santa Maria, a Câmara dos Deputados começou a discutir um projeto de lei para sanar essa questão. A proposta ficou pronta em julho, mas aguarda votação no plenário. O deputado Paulo Pimenta (PT-RS), que coordenou uma comissão sobre o assunto na Casa, afirma que a demora se deu por causa da análise de assuntos com urgência constitucional – que têm prioridade – no ano passado. Para ele, porém, é preciso aproveitar a retomada do interesse para votar a matéria. “O Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), presidente da Câmara, fez a promessa de colocar em votação na primeira semana de fevereiro.”

DRAMAS INSUPERÁVEIS



Nascendo de novo

Angélica Sampaio, 21 anos, ainda sofre com as sequelas do incêndio. Afastada do trabalho, faz fisioterapia respiratória duas vezes por semana porque ainda tem fuligem nos pulmões. Para tirar as cicatrizes, realizou cirurgias plásticas. Ela saiu da boate resgatada e ficou 22 dias em coma. “Nasci de novo.”



Dor que não passa

“A dor que sinto é insuportável. Não desejo a ninguém.” É assim que Adherbal Alves Ferreira se refere à filha Jennefer Becker, 22 anos. “Eu sempre a pegava nas festas às 3 horas. Porém, naquele dia dormi e o incêndio aconteceu às 3h20.” Hoje ele preside a associação dos familiares e vítimas da tragédia.



A recompensa do herói

O ex-segurança da boate Rodrigo Ruoso, 21 anos, ainda tem pesadelos com o desastre. Naquela noite, trabalhava por R\$ 30 e um cachorro-quente. Tentou controlar o fogo quando o incêndio começou. Depois, salvou várias vítimas. Hoje, vive de auxílio-doença e recebe homenagens por seu heroísmo

Uma das promessas do projeto federal é responsabilizar agentes públicos que não cumprirem suas obrigações de fiscalização. Um ano depois da Kiss, esse é um dos pontos mais incômodos para os familiares das vítimas. “Ficou um sentimento de impunidade”, afirma Helena Rosa da Cruz, mãe de duas vítimas do incêndio. Processos de homicídio correm contra dois integrantes da banda e dois proprietários da boate, que chegaram a ser presos, mas foram soltos meses depois. Outros dois inquéritos, sobre poluição sonora e fraude no licenciamento, devem ser concluídos em fevereiro. Para que outras famílias do País não sofram o mesmo que as de Santa Maria, Tomina, da ABNT, diz que deve haver boas regras, produtos de qualidade e fiscalização. “Temos 1.200 vítimas fatais por causa de incêndios anualmente no Brasil. São cinco boates Kiss todo ano.” É preciso dar um basta.

MARIANA BRUGGER, RAUL MONTENEGRO, SIMONE FELÍCIO e WILSON AQUINO são Jornalistas e escrevem – esporadicamente – para esta publicação. Fotos: Germano Roratto/Ag. RBS/Folhapress; Masao Goto Filho, Kelsen Fernandes, Mariana Brugger – Ag. IstoÉ, Masao Goto Filho, Kelsen Fernandes, Fernanda Ramos - Ag. IstoÉ. **Revista ISTO É, Janeiro de 2014.**

"Felicidade é responsabilidade pessoal e intransferível" (FABIANA MASCARENHAS)



Ao lado, psicanalista Jorge Forbes

O PSICANALISTA e médico psiquiatra Jorge Forbes sempre defende que buscar alguém para suprir as carências emocionais é assinar um atestado de infelicidade permanente. "Só pode estar junto aquele que pode estar separado. A felicidade é uma responsabilidade pessoal e intransferível". Segundo ele, a primeira coisa que é necessário saber é que a felicidade amorosa não tem garantia. "Todo amor é um contrato de risco que mantém os parceiros sempre alertas". Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Psicanálise pela Universidade Paris VIII e doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP), Forbes é um dos principais introdutores do ensino de Jacques Lacan no Brasil, de quem

frequentou os seminários em Paris, de 1976 a 1981. Teve participação fundamental na criação da Escola Brasileira de Psicanálise, da qual foi o primeiro diretor-geral, e atualmente preside o Instituto da Psicanálise Lacaniana (IPLA). Recentemente, ganhou o prêmio Jabuti com o livro *Inconsciente e Responsabilidade - Psicanálise do Século XXI*, em que estuda as mudanças necessárias a uma psicanálise para os tempos pós-modernos, além do Édipo. Para Forbes, estamos vivendo uma nova forma de amor, que ele define como o amor da pós-modernidade. "As pessoas estão com as outras porque querem, não mais por obrigação ou necessidade".

Apesar das conquistas femininas e de as pessoas atualmente serem muito mais independentes econômica e intelectualmente, percebe-se que homens e mulheres ainda buscam na relação o seu ideal de felicidade. Por que?

Mas será que vamos pensar que a única razão para que as pessoas estivessem juntas seria a dependência econômica ou intelectual? Isso é desacreditar de vez no amor ou achar que amor é tema menor e piegas. Não vejo assim. É exatamente porque diminuimos as dependências que fica mais evidenciado o difícil que é a vida sem alguém.

E por que é tão difícil a vida sem alguém? Há um temor da solidão?

Gosto muito da frase de Nietzsche "Vosso mau amor de vós mesmos vos faz do isolamento um cativo". Sérgio Buarque de Holanda a lembrou quando comentou a cordialidade do brasileiro. É muito difícil frequentar a solidão de si mesmo, mas não tem jeito. Só quem pode ficar separado é quem pode ficar junto.

Então qual a melhor maneira de lidar com a solidão?

Encontrando alguém.

O senhor acredita que temos evoluído pouco no aspecto sentimental?

Acredito no contrário, que estamos vivendo uma mudança importante a ponto de merecer um nome: "novo amor". Até bem pouco tempo, as pessoas ficavam juntas em nome de algo ou de alguém. Dizia-se, por exemplo "Estou com você porque jurei na igreja"; "Estou com você porque não vou me afastar dos meus filhos"; "Estou com você para manter nosso patrimônio"; e por aí seguiu. O fato é que, hoje em dia, temos um novo amor, livre dessas intermediações, no qual se uma pessoa está com outra é porque quer, mesmo que diga que não.

Esse é o amor que o senhor define como o amor da pós-modernidade, no qual o laço social é predominantemente horizontal? Que tipo de amor é esse?

Sim. A pós-modernidade trouxe uma revolução no laço social nunca antes vista. Nos últimos 2500 anos, nossos laços sempre foram verticais, no sentido de nos agruparmos em torno de um padrão, constituindo o desenho de uma pirâmide. Seja colocando no topo da pirâmide a Natureza, Deus, ou a Razão. Hoje, não há mais padrão, por conseguinte, não há mais verticalidade, motivo de falarmos em sociedade de rede, horizontal. Nessa sociedade, detectamos um novo amor pelo qual a responsabilidade é só dos amantes, sem desculpa. Uma pessoa está com a outra porque quer, ponto. O curioso é que normalmente não sabemos o que é esse querer. Ama-se sem saber o porquê e responsabiliza-se por esse não saber.

Em Os complexos familiares na formação do indivíduo, Lacan diz que a família prevalece na primeira educação e preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico. Isso explica o fato de alguns serem mais carentes que outros?

Carentes somos todos, uma vez que sempre nos falta algo. Por mais que recebamos, o desejo sempre aponta um mais além. O que nos diferencia é como reagimos às carências. A família cumpre um primeiro papel muito importante, mas, para nossa sorte, não definitivo. Sorte porque, se não fosse assim, cairíamos no determinismo que pensa que uma vez tendo tido um problema na infância, não se teria mais conserto, teria que nascer de novo. Nada disso.

A carência gera pessoas que desenvolvem uma dependência afetiva muito grande. Em contrapartida, vivemos em uma época em que as relações terminam mais facilmente. Como explicar isso?

De fato vivemos uma época de mudanças de parceiros mais frequente que anteriormente. Isso não quer dizer que estejamos amando pior. Essa aparente contradição se explica facilmente. Se estivermos de acordo com o já dito, que uma pessoa só está com a outra hoje em dia porque quer e não por segundos ou terceiros motivos, não havendo mais amor, ou se reinventa ou se separa.

O senhor afirma que buscar alguém para suprir as carências emocionais é assinar um atestado de infelicidade permanente. Como evitar que isso aconteça?

Evitando a dependência excessiva do outro. O problema é que, ao encontrar alguém aparentemente disponível, muitas pessoas agarram-se a ela como garantia de segurança emocional, econômica, social, espiritual, mas isso não é a felicidade. Idealizar que o parceiro é a fonte da felicidade tem dois lados ruins: o primeiro é que, enquanto está sem par, a pessoa acaba desvalorizando as outras conquistas da sua vida, que também são importantes, mas acabam passando despercebidas. Segundo porque, se, por acaso, ela consegue que seu relacionamento amoroso atinja seu ideal de felicidade, está fadada a perder essa situação, já que nenhum relacionamento consegue ser ideal eternamente. É preciso entender que só pode estar junto aquele que pode estar separado. Felicidade é responsabilidade pessoal e intransferível.

De que maneira esse apego ao outro se traduz no universo virtual, uma vez que observamos cada vez mais pessoas dependentes da rede social?

Pessoas são dependentes de pessoas desde que o mundo é mundo. Nós nos entendemos sempre através do outro. Haja vista essa entrevista (risos). A identidade de uma pessoa é relacional, se dá na relação com as outras e com o meio. É o que possibilita dizermos que uma pessoa me faz sentir melhor, outras, pior. As redes sociais não são culpadas disso, elas só evidenciam a nossa natureza humano-dependente.

De fato, todo relacionamento amoroso é um contrato de risco?

Sempre. O amor é um contrato de risco, no qual não há garantias. Isso porque não é possível estabelecer todas as cláusulas necessárias a um acordo. Até mesmo o elementar "Eu te amo" é sempre escutado com desconfiança, que leva o parceiro a responder "Ama mesmo?". Amor é um contrato de risco que mantém os parceiros sempre alertas.

E o maior risco é daqueles que costumam transformar amor em remédio?

Se amor é remédio, ele é daqueles cheios de efeitos colaterais e de reações adversas. Seria divertido escrevermos a bula do amor. É o que os poetas tentam todos os dias, em um trabalho infinito, pois sempre falta algo a dizer.

Ouvimos diversas pessoas se queixando sobre as mudanças que surgem depois de um tempo de relação. Querer que seja sempre "à flor da pele" é um dos principais motivos para o fracasso?

O amor acorda, mas, de vez em quando, você quer dormir. Aí, com boa razão, vem o medo de o amor ir embora, o que leva muitos a tentarem congelá-lo para depois comê-lo requeentado no microondas. Amor requeentado dá azia brava. A paixão pode ser chamada de felicidade, mas, quando se transforma em um ideal de vida, fica supervalorizada e representa um perigo. Fica bonito no teatro, mas é muito triste na vida real. Daí personagens como Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, Abelardo e Heloísa. Morreram porque tentaram eternizar a paixão.

O estado da paixão, de acordo com a ciência, dura de dois meses a dois anos, porque, se durasse mais tempo, ninguém conseguiria suportar. É isso mesmo?

Divertem-me essas definições pseudocientíficas. O amor é uma coisa séria demais para ser formatado em padrões empíricos e objetivos. Agora, de fato, é duro suportar uma emoção que te questiona todos os dias. Há amantes entusiasmados e amantes cansados, não é uma questão de tempo, mas uma questão de criatividade.

Algumas relações amorosas tendem a extrair o que há de melhor em nós, outras, por sua vez, nos fazem ficar cara a cara com o nosso lado mais sombrio. Em sua opinião, por que isso acontece?

Toda relação digna desse nome nos oferta os dois lados: o melhor de nós e o mais sombrio. O que se espera é aproveitar o melhor e com ele se guiar no lado mais sombrio.

O senhor diz sempre que felicidade não é bem que se mereça. Seria então uma questão de sorte?

Olha, quando eu escrevi sobre isso, a ideia era chamar a atenção para o contrário daquilo que se pensa normalmente, a saber, que a felicidade seria fruto dos nossos merecidos esforços. Não é não. A felicidade, do ponto de vista psicanalítico, se dá no encontro, na surpresa, e não há esforço nenhum na surpresa. E, como disse antes, para haver encontro não pode haver dependência. Se não, o que se dá não é um encontro, é parasitismo. A felicidade sempre nos parece inalcançável. Por isso, quando uma pessoa está feliz, ela não sabe quem ela é, ela pensa que está sonhando ou que houve um engano. Ela acaba vivendo uma crise de identidade: "Esse cara sou eu?". O mais triste é que a maioria das pessoas se assusta e sai correndo de medo da felicidade, exatamente pela sensação de estranheza que ela provoca. Por isso, dizer que há que se suportar ser feliz.

FABIANA MASCARENHAS é Jornalista e escreve - periodicamente - para esta publicação. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/muito/materias/1561790-felicidade-e-responsabilidade-pessoal-e-intransferivel>. Acesso: 19 Jan 2014.

Minotaura (MÁRCIA TIBURI)



Novidades da velha política sexual da carne

Cabeça de vaca, corpo de mulher. A vaca, uma novilha. O corpo, estereótipo da "gostosa" em trajes de *pin-up*. A descrição é a do cartaz da festa "Calourada do abate", da escola de veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais. A montagem da "minotaura" causou indignação na comunidade universitária. Foi logo substituída por um novo cartaz com a imagem de um jovem de pijama com estampa de vaquinha. O moço da montagem faz muxoxo de bebê chorão.

A imagem do "bebê chorão", embora dê o tom de humor necessário a evitar brigas, não é uma desculpa proporcional. Ela nos traz uma dúvida: por que o novo cartaz não tem um corpo de homem estilo "gostoso" e uma cabeça de "touro", que seria o "macho" da vaca? É que o "homem", no imaginário machista, até se deixa infantilizar, fazer o tipo de "bezerro mamão" – em que tetas ele mamará? –, mas não se deixa "abater". Antes, ele chora e comove pela "fofura" que é... A imagem da Minotaura da festa do "abate" deixa claro que se come a vaca e a mulher, ou a mulher-vaca, mas não o bezerinho chorão. E isso porque o bezerro é infantil, em seu "fofo" pijama malhado, enquanto que a mulher-vaca é sensual em sua lingerie apelativa. A lógica da piada machista está exposta: a humilhação das mulheres deve parecer divertida; coisa que não faz mal a ninguém. O bezerro chorão vem confirmar que era só brincadeira, que o filhotinho da vaca é irresponsável como uma criança. E assim fica tudo bem.

Comer uma vaca

A análise do vocábulo "comer" demonstra a lógica do que a ativista Carol Adams chamou de *A política sexual da carne* (Ed. Alaúde, 2012). "Comer" é expressão brasileira usada para definir o ato sexual. Diz-se que fulano comeu fulana, mas não o contrário. Não se "come" um homem, mas apenas uma mulher. Come-se a vaca, e isso vem refletir o imaginário social sobre mulheres desde há muito tempo.

A *política sexual da carne* foi publicado, nos Estados Unidos, há mais de 20 anos. O livro demonstra a relação lógica entre feminismo e vegetarianismo contra a aliança entre a dominação masculina e o carnivorismo. A crítica ao especismo, a ideologia que afirma a superioridade dos seres humanos em relação aos outros animais, é foco a ser desmontado.

Numa pesquisa de anos, Adams demonstrou a associação imagética e ideológica entre mulheres e animais, produzida no contexto da dominação masculina e alicerçada na matança e na violência. Neste contexto, a associação simbólica entre o ato sexual e o ato de comer animais revela a animalização das mulheres e a sexualização dos animais em nome da valorização de uma "virilidade" sem a qual a dominação masculina não se sustentaria. A virilidade dos homens é marca estética da violência à qual serve a sensualização das mulheres. E da vaca do cartaz da "Calourada do abate".

A relação simbólica entre bife e virilidade faz parte do autoritarismo masculinista. No Brasil, vemos a lógica da política sexual da carne exposta quando um homem faz o churrasco. Mesmo que o arroz e o feijão sejam produzidos por mulheres para o consumo do dia a dia, é comum que os homens escolham, cortem e assem a carne do churrasco em dias especiais. Mas não fazem a salada. Não conhecemos mulheres açougueiras. A manipulação da carne (seja da mulher, seja da vaca) é "coisa de homem". Por isso, também não vemos um minotauro estampado na festa do abate da calourada... O "abate" que está em jogo, em nosso imaginário, é o da mulher. Femicídios são muitos, não há, contudo, "virilicídios" ou "masculinocídios". Uma mulher pode ser morta apenas porque é mulher, um travesti, um homossexual (no imaginário masculinista, este "não é bem homem"). Um homem jamais será "abatido" ou "comido" pelo fato de ser homem.

Contudo, o discurso "carnofalocêntrico" apresenta uma virilidade ansiosa demais por autoafirmação. O que isso pode realmente significar? Na contramão, a luta feminista continua pelos direitos de seres espeziados, simbólica e fisicamente, pela dominação masculina. Ser mulher e vegetariana é a lógica à qual todos – e todas – estão convidados.

MÁRCIA TIBURI é Filósofa e Professora. Escreve mensalmente para esta coluna. marciatiburi@revistacult.com.br.
Revista CULT, Janeiro de 2014.

Dois pesos e duas medidas (LUIZ FELIPE PONDÉ)

NÃO SOU religioso, só frequento templos vazios. Tampouco considero o ateísmo prova de maior inteligência ou coragem intelectual. Dias atrás, nesta coluna, ataquei as dimensões picaretas das religiões.

Por que digo isso? Porque hoje em dia, em épocas de exigências de pureza ideológica (no mundo da cultura vivemos um fascismo descarado dos bonzinhos, baseado em difamação de quem não frequenta as ideias que eles frequentam), se faz necessário apresentar algumas "credenciais" quando se vai tratar de um assunto delicado que pode ofender a sensibilidade totalitária dos bonzinhos. Quando ofendidos, os bonzinhos passam à gritaria, principalmente nessa masmorra escura que são as redes sociais.

Apesar de não ser religioso, conheço o suficiente de algumas religiões para saber que muitas delas carregam um saber de valor inestimável, fato este que escapa a muitos dos críticos banais das religiões. Você identifica um ignorante quando ele diz que a Bíblia é um livro opressor.

Dito isso, vamos ao que interessa. Há alguns anos, um cartunista dinamarquês passou por poucas e boas quando fez piadas com Maomé. Lembro-me de muitos dos bonzinhos defenderem o direito dos muçulmanos de se ofenderem com a piada e jogarem a atitude do cartunista no saco indiferenciado do preconceito ocidental contra o Islã.

Fico feliz que no Brasil ainda se possa fazer humor com as religiões e que quem faz piada com Jesus (que acho um cabra-macho, mas não acho que seja Deus) possa fazê-lo, ganhar dinheiro com isso e não ser ameaçado de morte. Ou, quem sabe, perder o emprego. Pedir a cabeça de alguém é um pedido comum dos bonzinhos quando leem algo com que não concordam.

Acho que o humor deve ser livre porque ele é uma das dimensões por meio das quais o espírito humano sobrevive, se alimenta e reflete sobre sua condição. Não partilho da ideia de que o humor seja uma forma menor de cultura. Por isso, discordo da tentativa de qualquer grupo, religioso ou não, de querer barrar ou processar quem quer que seja por ter feito piada do que for.

Mas me pergunto uma coisa: por que alguns acham politicamente incorreto fazer piadas com negros, índios, gays e nordestinos (e julgam justificados processos legais contra quem faz tal tipo de piada), mas julgam correto fazer piada com os ícones do cristianismo?

Claro, quem pratica esse tipo de critério, com dois pesos e duas medidas, é gente boazinha e com opiniões corretas. Defendem a própria liberdade, mas negam imediatamente a liberdade de quem os aborrece. O nome disso é incoerência. A democracia só vale para quem nos irrita, mas os bonzinhos não pensam assim.

Não me surpreende a incoerência dos bonzinhos, porque o que faz alguém ser bonzinho hoje é a falta de caráter. Ser do "partido dos bonzinhos" hoje dá dinheiro, ganha editais, cargos no governo, fotos em colunas sociais, convites e prêmios culturais. Identificar um bonzinho hoje em dia como resistente ao poder é uma piada e tanto! Eles estão no poder até no RH das empresas e na magistratura.

Os cristãos têm todo o direito de ficar bravos com as piadas com Jesus (que aliás, costumam ser ótimas). Mas, acho "engraçado" (já que estamos falando de humor) alguém não perceber que vivemos num mundo em que tirar sarro de cristão pode, mas de outros grupos não. Por quê?

Fácil: porque ninguém precisa ter "cojones" para tirar sarro de cristão. No mundo da cultura, falar mal de religião (menos da indígena, afro e budista) é bater em bêbado na ladeira.

Proposta: que tal tirar sarro das pautas dos bonzinhos? Tipo fazer piada com as "jornadas de junho". Ou da moçadinha que quer salvar o Ártico. Ou de gente que vive falando mal da polícia, mas treme de medo e chama a polícia logo que sente sua propriedade privada em risco. Ou do movimento estudantil. Ou de intelectual que glamoriza os "rolezinhos". Ou das feministas. Ou de ateus militantes. Ou do exército da salvação PSOL e PSTU. Ou de quem diz que bandidos são vítimas sociais. É isso aí: que tal fazer piadas com os preconceitos dos bonzinhos? Missão impossível?

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). ponde.folha@uol.com.br. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2014.**

O contrato do século (FRANTHIESCO BALLERINI)

Há 100 anos, Charles Chaplin assinava seu primeiro contrato em Hollywood, indústria que ele iria revolucionar



Cena do filme "O grande ditador", de 1940, primeiro filme sonoro do ator/diretor

HÁ EXATOS 100 anos, em dezembro de 1913, um jovem inglês, pobre – que passara a infância em orfanatos e ganhava trocados em apresentações de mímicas em Music Halls de Londres –, assinava seu primeiro contrato em Hollywood, época em que nem mesmo os estúdios ainda estavam totalmente formados. Descoberto pelo diretor e produtor Mack Sennett, Charles Chaplin se tornaria rapidamente uma das figuras mais importantes da história do cinema mundial, especialmente da indústria cinematográfica norte-americana.

O contrato assinado entre ele e a Keystone Studios foi o estopim para um dos grandes feitos do jovem ator. Como poucos, Chaplin teve o privilégio de passar quase toda a vida sendo ator, roteirista, diretor e, quase sempre, produtor das obras que lançava. Isso dava a ele aquilo que é tão raro em Hollywood: controle criativo. Basta ler, por exemplo, as declarações de qualquer diretor brasileiro que se aventura por lá para perceber que nos estúdios de Hollywood a maioria dos diretores é mero profissional contratado, pois quem manda mesmo são os produtores e, depois, os atores. Já Chaplin conseguiu escapar desta armadilha que transforma grande parte das obras em produtos industriais sem toque autoral. Ao escrever a ideia inicial, comandar sua transformação para audiovisual (ou apenas visual, antes do cinema sonoro), dar vida

ao personagem e controlar, ainda que em parte, o dinheiro envolvido no filme, Charles Chaplin poderia ter garantias de que suas obras chegariam ao público da maneira que ele tinha visionado.

Mas a grande contribuição do diretor aconteceu mesmo pouco depois de assinar o contrato com a Keystone. Chaplin criaria um tipo, o vagabundo de chapéu-coco Carlitos, que nada mais foi do que uma das primeiras franquias cinematográficas do mundo. Sem querer – pois sua maior preocupação na época era o humor e a arte –, o ator estava criando as bases que hoje sustentam fortemente Hollywood, vide a quantidade de franquias que dominam as salas de cinema todos os fins de semana.

Sua fórmula foi simples: se o público gostou das aventuras de Carlitos na primeira vez, por que não gostaria de vê-lo novamente, ao lado de outros personagens, em outra locação e em novas confusões? O público queria. Assim, Chaplin conseguia, a cada novo filme, dar mais densidade à personalidade de Carlitos, de modo que o público não só se divertia como também o considerava cada vez mais um personagem querido e íntimo, quase um membro da família. Esse “efeito colateral” positivo das franquias é o que garante hoje a longevidade das séries de TV, por exemplo, que são capazes de dar uma densidade ao personagem que só as franquias cinematográficas sofisticadas conseguem.



Douglas Fairbanks, Mary Pickford, Charlie Chaplin, D.W. Griffith, fundadores da produtora United Artists, em 1919

O controle criativo foi tão importante para Chaplin que ele cancelou o contrato com a Keystone, e com outras tantas produtoras, e ao lado de Douglas Fairbanks, Mary Pickford e do lendário D. W. Griffith fundou, em 1919, a United Artists. A intenção dele era fugir do sistema de estúdio, um sistema em que o produtor controla absolutamente todos os aspectos do filme – até mesmo o nome oficial dos atores, a cor de seus cabelos, quando devem falar em público etc. Com isso, a United Artists seria uma espécie de refúgio de roteiristas e diretores que queriam ter liberdade criativa em seus projetos. Mas como em Hollywood o dinheiro sempre fala mais alto, não demorou muito tempo para que o estúdio de Chaplin se juntasse à esquemática dos demais, exceto o próprio Chaplin.

Ao mesmo tempo em que Chaplin foi um grande contribuidor da arte cinematográfica, ele também causou grandes escândalos por onde passou. Durante anos, o famoso chefe do FBI, J. Edgar Hoover – que virou filme nas mãos de Clint Eastwood –, ficou no pé do ator por achar que ele estava disseminando o comunismo nos EUA, país para o qual ele nunca pediu nacionalidade. Depois, seu primeiro filme sonoro, *O grande ditador*, de 1940, causou a ira de alguns políticos dos EUA por fazer uma caricatura bem-humorada de Adolf Hitler. Mas o público respondeu bem ao filme, e a crítica aclamou-o como uma das grandes obras do ator/diretor. E embora o governo norte-americano nunca tenha tido uma prova sequer de que Chaplin era um “traidor da nação”, ele foi proibido de entrar no país, em 1952, após lançar o filme *Luzes da ribalta*, em Londres. No livro *Tramp: The Life of Charles Chaplin*, Joyce Milton afirma ainda que o escritor russo Vladimir Nabokov se

inspirou na relação de Chaplin com a atriz Lita Grey para escrever seu romance mais famoso, *Lolita*. Isso porque Chaplin se casou com Lita quando ela tinha apenas 16 anos.

Casado quatro vezes e pai de 11 filhos, o intérprete de Carlitos era conhecido em Hollywood por sua maneira nada ostentosa de viver. Morava em um quarto de hotel humilde enquanto seus colegas viviam em mansões em Beverly Hills. Guardava os cheques que recebia dos filmes, por meses, dentro de um baú do hotel. Vencedor do Oscar honorário, em 1972, pela "incalculável contribuição em fazer o cinema ser a forma de arte do século 20" – estatueta esta que ele usava como peso de porta, pelo desdém que tinha com a academia –, Chaplin foi o responsável, ao lado de Buster Keaton, por popularizar e aperfeiçoar o que hoje se chama "comédia pastelão" (ou *Slapstick*, como é chamada nos EUA) cujo riso é extraído de trapalhadas físicas dos personagens – casca de banana, torta na cara, beliscões etc. Era a fórmula perfeita para o cinema mudo, uma vez que não necessitava de diálogos para sua compreensão e tampouco de roteiros muito sofisticados. No entanto, precisava de atores com grandes habilidades corporais – Buster Keaton ganhou esse nome no circo porque caía no chão como ninguém – e ótimas expressões faciais, característica marcante de Carlitos.

O pastelão de Chaplin foi tão importante que fez escola no mundo, garantindo, por exemplo, aqui na América Latina, humorísticos televisivos no ar há mais de três décadas, como *Chaves*, e quatro das maiores bilheterias brasileiras até hoje, com os filmes dos *Trapalhões*.

Dono de olhos azuis claríssimos, que hipnotizavam quem o conhecia pessoalmente – já que eles nunca foram vistos nos filmes em branco e preto –, Chaplin se tornou ator porque sua mãe, antes de ter surtos psicóticos e perder a guarda dele e do irmão Syd, interpretara para ele o que estava acontecendo nas ruas durante as semanas em que ele, ainda criança, ficou confinado na cama por conta de uma doença séria. Seu filme predileto era *O encorajado Potemkin*, de 1925, do russo Sergei Eisenstein, e compôs mais de 500 músicas ao longo da vida, como *Smile*, eternizada nas vozes de Nat King Cole e posteriormente de Michael Jackson.

Assim como Stanley Kubrick e Alfred Hitchcock, era preciso como um matemático nas cenas em que dirigia. Refazia-as dezenas de vezes até que ficassem do jeito que queria, enlouquecendo os assistentes de direção e a equipe de seus filmes. Curiosamente, porém, como ator, não trabalhava com um roteiro estruturado. Ao contrário, tinha a ideia na cabeça e improvisava na hora. O último filme que dirigiu foi *A condessa de Hong Kong*, de 1967, protagonizado por Marlon Brando. Embora Brando tenha dito que Chaplin era o maior talento já visto no cinema, os dois tiveram uma relação difícilíssima no filme, a ponto de Brando chamá-lo de "provavelmente o homem mais sádico que eu já conheci" e de Chaplin dizer que trabalhar com Brando era "impossível".

Embora nunca tenha recebido um Oscar como ator, diretor ou roteirista, grande parte do sucesso da indústria cinematográfica norte-americana se deve a este garoto que passou fome em orfanatos e que criou um tipo tão fundamental para o cinema que nunca precisou de voz para chamar a atenção do mundo inteiro.

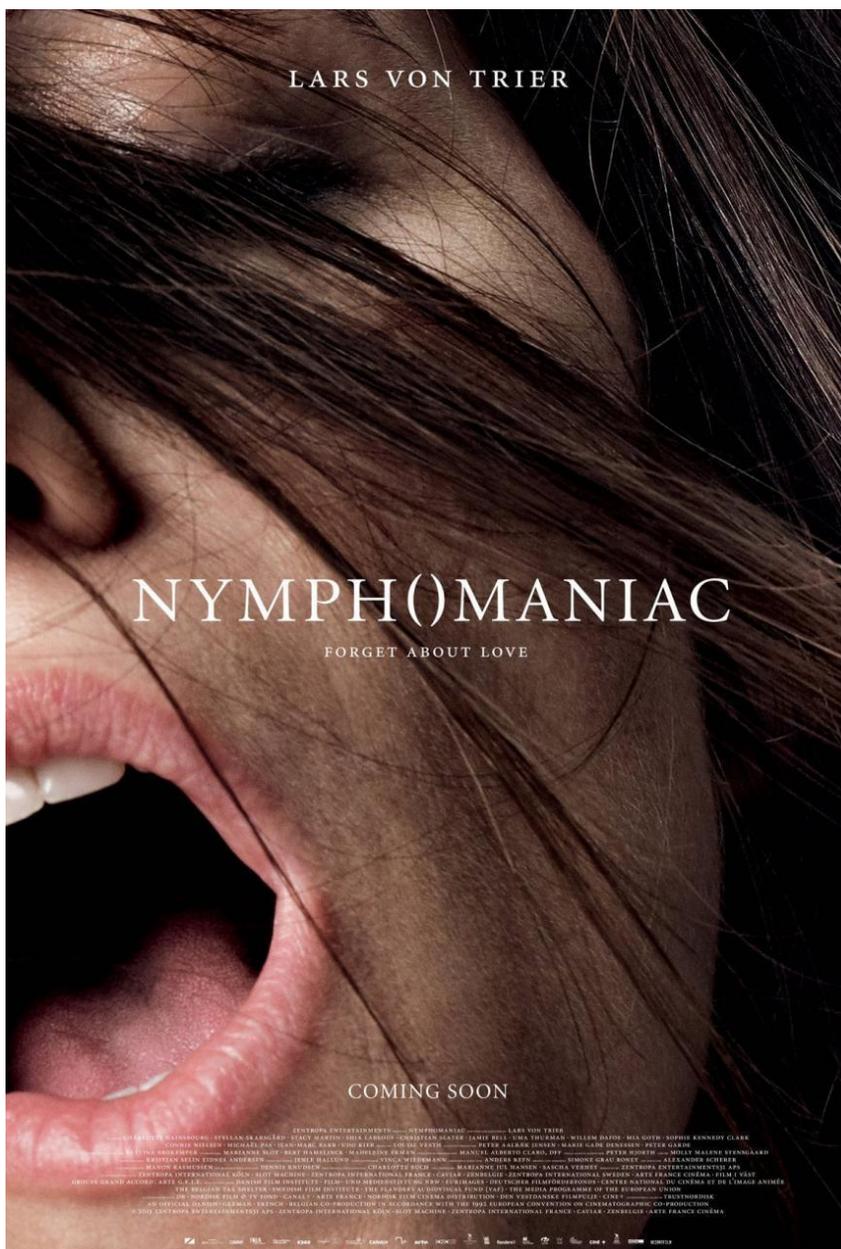
FRANTHIESCO BALLERINI é jornalista e coordenador geral da Academia Internacional de Cinema. **Revista CULT, Janeiro de 2014.**

Ninfomaníaca: erotismo ou pornografia? (MÁRIO CORSO)

A DIFERENÇA entre erotismo e pornografia não é estética nem quantitativa, é da posição ocupada pelos amantes. Cada tanto essa polêmica retorna, se uma obra seria pornográfica ou, caso tenha pedigree intelectual, ou ainda griffe de autor, seu charme nos levaria à arte erótica. A coincidência da atual leva de filmes como, *Azul é a cor mais quente* (A. Kechiche), *Ninfomaníaca* (Lars von Trier) e *Tatuagem* (Hilton Lacerda), relançou a discussão. O senso comum tende a ver a diferença entre pornografia e erotismo em termos de bom gosto, linguagem sofisticada, enfim, sutilezas dentro de um mesmo espectro. Se o autor foi feliz em ganhar um público culto é uma obra erótica, se ficou no escuro da internet é pornografia.

A psicanálise abre possibilidade para outra posição: a pornografia é facilmente identificável. Essencialmente a temos quando a fantasia sexual é vendida com a ilusão de que todo sexo é fácil, barato e sem culpa. Na pornografia o encontro do desejo com o objeto é plano e bem resolvido, encaixe perfeito. Em outras palavras, quando as inibições ficam momentaneamente esquecidas e imaginamos que podemos gozar sem envolver nossa engrenagem neurótica. Já a erótica nos vende uma excitação sexual sem o recurso do atalho: nela, cena sexual segue sendo escorregadia, como a real, é um flash que momentaneamente se abre para em seguida declinar. A erótica carrega a plausibilidade e a descontinuidade do real enquanto a pornografia é pura imaginação sem barreiras e a ilusão de um gozo sem fim.

No início de *Azul é a cor mais quente* há uma cena de sexo entre duas mulheres que vem causando paradoxais comoções. Entre os incomodados estão os homofóbicos e conservadores, mas também há algumas lésbicas que se declararam mal traduzidas. Ou seja, desde pontos de vista antagônicos, o filme vem proporcionando debates. Quanto a *Ninfomaníaca*, que aborda a compulsão sexual de uma jovem que transa no atacado, a reação tem sido mais forte do que seu recente similar masculino, *Shame* (S. McQueen), sobre um homem com uma vida sexual igualmente ativa e à deriva.



Ao contrário do best seller *Cinquenta tons de cinza* (breve nos cinemas), essas obras não se prestam a fantasias masturbatórias. Ao contrário: o filme de Lars von Trier, por exemplo, apesar do sexo explícito, não serve para animar casais sem entusiasmo, nem sequer atividades solitárias. Joe, a personagem de Trier, conta suas aventuras sexuais para um circunspeto senhor que a encontrou machucada na rua e lhe deu abrigo. Eles discutem sobre a culpa dela, da qual o bom homem tenta aliviá-la, sobre o perigo de misturar sexo com amor e a suposta frieza da auto-declarada ninfomaníaca. A solidão dela, os incansáveis encontros, seu olhar insistente de busca e sedução, são mais tristes do que provocantes. A sexualidade de Joe parece-se muito mais com a vida real do que os encontros estereotipados dos protagonistas do livro de E.L. James. Mesmo assim, para desilusão das lésbicas que não se sentiram retratadas (outras sim, viram-se representadas), o cinema, mesmo quando se aproxima da nossa natureza neurótica, mostra um sexo visto de fora, pelo buraco da fechadura.

Do ponto de vista do espectador voyeur, a cena sempre será mais convincente do que o ato em si, pois as lacunas são completadas pela sua fantasia, que enxerga o que quer ver. São essas mesmas fantasias que ajudam e atrapalham a verdadeira vida sexual: ajudam porque é para realizá-las que o desejo se acende; atrapalham porque, embora o prazer seja possível e acessível, sempre é ameaçado pelas armadilhas do medo, das ambiguidades e inibições, fazendo com que os fatos sempre fiquem em dívida com os ideais.

Erotismo e pornografia não se diferenciam por uma questão quantitativa, sendo um mais explícito que o outro, há uma questão qualitativa em jogo. Na definição de Georges Bataille, no livro denominado *O Erotismo*, a

fantasia erótica está associada à possibilidade de entrega, de dissolução de limites, algo mais próximo do encontro letal no clássico japonês *Império dos Sentidos* (N. Oshima, 1976). Para Bataille, "somente o sofrimento revela a inteira significação do ser amado", pois na dor da paixão fica claro que ao mesmo tempo em que se conquista o outro perde-se o eu.

O sofrimento a que ele se refere é a consciência de que estamos rodeados de gente mas condenados a ficar sós, a sentir-nos incompreendidos, exatamente como a triste e solitária Joe. Ou seja, quando ganhamos o outro perdemos a nós mesmos, ficando, portanto, inevitavelmente insatisfeitos. Numa gincana de corpos que se desnudam e acoplam, a personagem de Trier segue em busca do que nunca encontra: do tempero do sexo, sua suprema graça. Talvez seja mesmo para provar a impossibilidade do encontro que ela tanto se empenhe, revelando-se uma mulher fria, distante, como a própria mãe.

O horror que as cenas de sexo explícito desses filmes têm causado intriga principalmente àqueles que se perguntam por que imagens de igual impacto envolvendo violência não são condenadas. Não é tão difícil entender essa diferença de pesos e medidas, pois a violência é uma forma de dominação, enquanto o erotismo é seu oposto, seu prazer depende do grau de entrega. A violência, principalmente o assassinato, corresponde ao absoluto controle sobre o outro. Quem tem a vida alheia nas próprias mãos nunca se arriscará a cair sob seu domínio, fascínio ou influência. Nada é mais temido do que perder-se no outro, experiência que todos têm e que remonta nossa condição infantil de inermidade, dependência e desamparo.

As obras de cunho pornográfico são as que aproximam o sexo da violência, no sentido em ambos o outro está sob controle. Nelas os parceiros respondem maciçamente ao desejo do outro, um sempre tem o que o outro quer, comportam-se como previsto, não há desencontros ou dificuldades em fazer o outro gozar. Outra fonte de desagrado é a explicitação do gozo feminino ativo, da busca da mulher por um prazer que, conforme as convenções, deveria ser provocado nela, sem deixar clara sua vontade. A posição feminina, quer ela seja ocupada por um homem ou uma mulher, está associada à fantasia de passividade: só um desejo deveria orquestrar a cena, o ativo, masculino. No filme de Trier, Joe é uma caçadora, os homens suas presas certas, cada um para formas diversas de satisfação, e isso revela uma face indigesta do desejo feminino.

Mais uma vez, as mulheres pagam o preço do passado de todos nós, devem calar sua vontade, por serem potencialmente "a mãe", cujo poder é o mais temido de todos. Ela encarna a ameaça de ser devorado, descartado ou insatisfatório. Longe desses riscos, na pornografia evidencia-se um desejo que parece ser masculino, mas se sobrepõe ao gênero: tudo funciona a contento, os gritos dela (ou do parceiro "feminino") confirmariam a potência do membro " másculo", ativo, do casal. Em suma, *Ninfomaníaca* não é pornográfico, porque é muito próximo da nossa sexualidade neurótica. Não é erótico, já que é cético quanto às ilusões amorosas de perder-se no outro. É drama, como dramáticos somos, dentro e fora dos lençóis.

MÁRIO CORSO é psicanalista e membro da APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre). publicado no caderno Cultura do jornal Zero Hora em 25/01/2014. **Disponível em:** <http://www.marioedianacorso.com/ninfomanica-erotismo-ou-pornografia>)

Vacina contra o HPV no SUS. Vale a pena? (CRISTIANE SEGATTO)

A imunização é feita em três doses. Na clínica privada, a menina fica protegida em seis meses. No SUS, em cinco anos. Por que o governo optou pela diferença

A PARTIR de 10 de março, meninas de 11 a 13 anos poderão receber a vacina contra o papilomavírus humano (HPV), gratuitamente, nas escolas públicas e privadas e nos postos de saúde. O HPV é responsável por 95% dos casos de câncer de colo do útero. No ano que vem, a cobertura incluirá as meninas de nove a 11 anos. A partir de 2016, a ação ficará restrita às garotas de nove anos.

A vacina escolhida pelo governo federal é a quadrivalente, usada na prevenção contra quatro tipos de HPV (6, 11, 16 e 18). É a primeira vez que a população brasileira terá acesso gratuito a uma vacina que protege contra câncer. É uma tremenda ação de saúde pública. Excelente notícia, sem dúvida, mas é preciso destacar um fato importante: o acesso às doses será diferente do esquema convencional e comprovadamente eficaz. Esse esquema continua disponível apenas a quem pode pagar pela vacina nas clínicas particulares.

Desde que a vacina foi lançada comercialmente no Brasil, em 2006, ela é aplicada em três doses. A menina recebe a primeira e, dois meses depois, a segunda. A terceira dose é aplicada seis meses depois da primeira. Em apenas um semestre, a garota está protegida. O índice de proteção da vacina quadrivalente contra o câncer de colo do útero é superior a 93%. A vacina não protege pessoas já infectadas pelo vírus. Por isso, o momento ideal de recebê-la é antes do início da vida sexual.

Segundo os estudos disponíveis hoje, as três doses ministradas em seis meses oferecem proteção duradoura – possivelmente por toda a vida. O esquema de vacinação oferecido pelo SUS é outro. A partir de março, as meninas podem tomar a primeira dose. A segunda dose será oferecida seis meses depois. A terceira, só daqui a cinco anos. A escolha do governo federal tem prós e contras.

PRÓS

A decisão não é uma invenção brasileira. Outros países adotaram o mesmo esquema. Entre eles, o México, a Colômbia, o Canadá e a Suíça. A Organização Panamericana de Saúde (Opas) concluiu que há evidências favoráveis suficientes para que esse esquema seja testado pelos governos.

O México foi o primeiro a adotá-lo, em 2009. Cinco anos depois, será possível avaliar as meninas que receberam as duas primeiras doses e saber se elas precisarão, de fato, da terceira. Se os dados mexicanos forem divulgados em 2014, o Brasil estará numa posição confortável. O Ministério da Saúde terá um parâmetro importante para decidir investir ou não na terceira dose a partir de 2019.

Outro benefício desse esquema é a redução de custos. O governo fez um acordo de transferência de tecnologia com o atual fabricante, a Merck Sharp & Dohme. O Ministério da Saúde comprará da empresa 36 milhões de doses da vacina durante cinco anos. Depois ela será fabricada pelo Instituto Butantan, em São Paulo, e fornecida para todo o país.

Graças a esse acordo, o governo pagará cerca de R\$ 30 por dose, o menor preço já praticado no mercado. Ao optar por duas doses, neste momento, em vez de três, o governo poderá imunizar mais meninas. Não só por que o custo por pessoa cai, mas por que é mais fácil garantir a adesão das garotas à vacinação se elas tiverem que receber apenas duas injeções.

Convencer as famílias a vacinar as filhas é fundamental. O programa só vai funcionar bem se ao menos 70% do público-alvo for imunizado.

CONTRAS

O esquema proposto pelo Ministério da Saúde parece adequado às necessidades e contingências do SUS, mas não é o melhor. Por uma simples razão: "Até agora, ninguém fez um estudo clínico controlado capaz de demonstrar que as pacientes não terão tumores se receberem apenas duas doses ou duas doses e a terceira só depois de cinco anos", diz a cientista Luisa Lina Villa, coordenadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia das Doenças Associadas ao Papilomavírus (INCT-HPV).

"Não estou dizendo que o governo não deveria adotar a estratégia que adotou", diz Luisa. Segundo ela, é possível acreditar que seja válido oferecer apenas duas doses e, talvez, o reforço em cinco anos. "Mas essa é uma inferência. Não há comprovação prévia."

Luisa é clara: "Deus queira que duas doses sejam suficientes, mas não se sabe". A decisão deixa espaço para várias questões: E se as duas doses não derem conta do recado? O governo vai conseguir achar as meninas vacinadas e convocá-las a tomar a terceira dose? Com 17 ou 18 anos, elas atenderão a essa convocação?

Ao optar por não oferecer a imunização completa agora, o governo pode perder uma ocasião preciosa. Pode perder o momento de garantir proteção total na pré-adolescência, uma fase em que é mais fácil (para as autoridades e para os pais) convencer as meninas de qualquer coisa que seja. Além disso, outro fato não deve ser menosprezado. "Faltam dados sobre a durabilidade da memória imunológica disparada por duas doses da vacina, o que poderia comprometer a proteção no médio e longo prazo", diz Luisa.

Resumo da história: o Ministério da Saúde acertou ao garantir a vacinação contra o HPV. O ideal seria oferecer as três doses em seis meses. Se o SUS está longe do ideal, não há dúvida de que o esquema proposto (duas doses) é melhor do que nada. A classe média pode comprar a vacina, mas tem todo o direito de usar o sistema público. Nada impede que essas famílias adotem um sistema híbrido para conseguir garantir a imunização completa em seis meses. Algumas clínicas privadas sugerem o seguinte:

- Tomar a primeira dose no SUS e, dois meses depois, a segunda dose numa clínica particular. Em São Paulo, cada dose custa cerca de R\$ 380. Essa segunda dose não seria registrada na carteirinha no momento do recebimento na clínica privada.

- Seis meses depois da primeira dose, a menina voltaria ao SUS. Para o sistema oficial, aquela seria a segunda aplicação. Na verdade, já seria a terceira. Nesse momento, a família voltaria à clínica particular e o registro da dose recebida anteriormente seria feito na carteirinha. Dessa forma, a família garantiria as três doses em seis meses e o benefício oferecido pelo sistema público. Nas clínicas privadas, também é possível vacinar os meninos, público não atingido pela campanha oficial. Até 2013, mais de 175 milhões de doses da vacina foram distribuídas em todo o mundo. A segurança da vacina contra o HPV é validada pelo Conselho Consultivo Global sobre Segurança de Vacinas.

Casos de morte ou relatos de graves efeitos adversos (como paralisias e perda temporária da visão) foram divulgados em países como Estados Unidos, Espanha, França, Índia e Japão. Por conta desses relatos, o ministro da saúde japonês suspendeu a recomendação de uso da vacina. Há vários processos judiciais contra o fabricante.

Pela relevância dos fatos, cada relato está sendo acompanhado de perto pelas autoridades sanitárias dos Estados Unidos e da Europa. Até o momento, essas agências concluíram que não há evidências de que as mortes e os graves problemas de saúde tenham sido causados pela vacina.

Vacinar ou não vacinar os filhos é uma decisão de cada família. Não há razão para criar pânico em torno do HPV, como a estratégia de marketing agressiva da indústria farmacêutica sugere. Da mesma forma, não há razão para disseminar o pânico contra a vacinação. A seguir, um guia para entender a real dimensão do problema.

A vacina contra o HPV é grande coisa?

Sim. A descoberta de que o vírus pode causar câncer de colo do útero rendeu um prêmio Nobel de medicina. O impacto social da vacina pode ser enorme. Nas áreas pobres, onde as mulheres não têm acesso a exames papanicolau e os homens nunca viram um urologista, a vacina pode reduzir drasticamente os casos de câncer de colo do útero, ânus, pênis e orofaringe.

O HPV sempre provoca doença?

Não. A cada 100 indivíduos sexualmente ativos, 75 adquirem o HPV ao longo da vida. Desses, 60 eliminam o vírus naturalmente. Isso mesmo: naturalmente. Sem fazer nada contra ele, sem sequer perceber que foi infectado.

O que acontece com os 15 que permanecem infectados?

Dez terão o vírus latente, sem qualquer lesão visível. Quatro terão lesões detectadas por exames, como o papanicolau. Se não tratadas, podem virar câncer. Apenas um terá verrugas genitais. Elas são benignas, mas incomodam.

Quem tem infecção latente (sem lesões visíveis) transmite o vírus?

Não se sabe com certeza. Se houver poucas cópias virais do HPV no organismo, ele não é transmitido.

Qual parcela das mulheres infectadas pelo HPV terá câncer do colo do útero?

Apenas 0,5%. Repito: 0,5%.

Qual parcela dos homens infectados pelo HPV terá câncer de pênis?

0,05%. Sim, você leu direito. Isso não é erro de digitação: 0,05%.

Quando a pessoa pega o HPV e fica naturalmente imune ao vírus, a proteção dura para sempre?

Nem sempre. É possível que um indivíduo que tenha adquirido o vírus em algum momento da vida e ficado naturalmente imune por muito tempo volte a adquirir o mesmo HPV se for exposto a ele novamente.

Quem pega o HPV nunca mais se livra dele?

Não é verdade. Com tratamento adequado, a pessoa que não eliminou o vírus naturalmente pode se curar e deixar de transmiti-lo

Se tomar a vacina, a pessoa fica livre de todos os tipos de HPV?

Não. Existem cerca de 200 tipos de HPV. A vacina Gardasil, da Merck Sharp & Dohme, é quadrivalente. Ou seja: protege contra os tipos 6, 11, 16 e 18. Eles são responsáveis por 70% dos tumores do colo do útero e por 90% das verrugas genitais. A vacina Cervarix, da GlaxoSmithkline, é bivalente. Protege contra os tipos 16 e 18, que podem provocar câncer.

Quem toma a vacina pode adoecer por causa de outros tipos de HPV?

Sim. As vacinas não protegem contra todos os tipos causadores de lesões genitais e câncer. É possível que no futuro surjam uma segunda geração de vacinas, capazes de oferecer proteção contra um número maior de subtipos do vírus.

Quem tomou a vacina pode contrair a doença?

Pode. As vacinas protegem contra alguns tipos virais (e não todos) e sua eficácia não é total – gira em torno de 80%. A possibilidade de infecção existe, mas o risco de desenvolver a doença é baixo. É possível que o corpo se livre do vírus sem manifestar nenhum sintoma ou reação.

Quanto tempo dura a imunidade conferida pela vacina?

O tempo de proteção ainda não foi estabelecido. Daí a importância de seguir as pessoas vacinadas, o que está ocorrendo em diversos países, sob os olhares atentos da Organização Mundial da Saúde. Até agora, passados cerca de dez anos de seguimento de jovens vacinadas durante os ensaios clínicos, as duas vacinas registram o mesmo tempo de proteção. Espera-se que o mesmo ocorra em relação aos meninos e rapazes que estão sendo acompanhados há menos tempo.

Depois de cinco anos, é preciso tomar a vacina outra vez?

Até o momento, não há nenhuma indicação de necessidade de reforço.

É possível fazer um teste para saber se a pessoa já teve contato com o vírus e, dessa forma, evitar gastos desnecessários com a vacina?

É possível, mas não serve para muita coisa. O teste é capaz de indicar que a pessoa teve contato com o HPV, mas não revela qual foi o subtipo. Mesmo que a pessoa soubesse qual foi o subtipo que causou a infecção, a vacina pode protegê-las contra os outros subtipos.

Qual é o melhor momento para tomar a vacina?

O ideal é recebê-la antes do início da vida sexual. Quem não é mais virgem também pode ter benefícios. Mesmo que a pessoa tenha sido infectada por um dos tipos de HPV, a vacina quadrivalente pode protegê-la de outros três tipos. Ainda que o câncer de pênis seja raro, os rapazes também podem ser vacinados. Isso ajuda a quebrar a cadeia de transmissão. Com mais rapazes vacinados, a chance de transmissão do vírus para as moças cai bastante. No caso dos homossexuais, o risco de câncer anal também diminui.

A mulher vacinada pode deixar de fazer o exame papanicolau?

Não. A vacina não protege contra todas as causas de câncer do colo do útero. O exame que detecta lesões pré-cancerosas causadas por outros tipos do HPV continua sendo fundamental. Se descobertas precocemente pelo exame, elas lesões podem ser tratadas e nunca virar um câncer.

A vacina é segura?

Os estudos sugerem que sim. Ela não é feita com o próprio vírus, e sim com partículas virais criadas em laboratório. Elas não contêm o DNA do vírus. Cerca de 85% das voluntárias relataram efeitos colaterais leves. Dor de cabeça, febre branda, pequeno inchaço no braço. Os sintomas desaparecem no dia seguinte. Nos estudos internacionais, houve casos de morte súbita. Nenhuma das mortes, porém, pôde ser relacionado ao uso da vacina.

Quem toma a vacina pode dispensar a camisinha?

Não. A camisinha é fundamental para evitar o risco de contrair outros tipos de HPV e outras doenças sexualmente transmissíveis, como a aids.

A camisinha é suficiente para proteger contra o HPV?

Nem sempre. O HPV pode estar no escroto ou no ânus, regiões em que a camisinha não chega, e ser transmitido durante a relação em qualquer tipo de prática (vaginal, anal e oral).

Vale a pena comprar a vacina?

Depende da situação econômica de cada um. Se para pagar as doses, a família precisar economizar em educação e em alimentação, esqueça a vacina. Se você gasta esse valor em roupas, aparelhos eletrônicos ou qualquer outro supérfluo, talvez seja mais vantajoso investir em saúde. Se o SUS oferece esse benefício, a decisão fica ainda mais fácil.

Examine os fatos, sua consciência e boa escolha!

CRISTIANE SEGATTO é Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Junho de 2013.**

Falta educação sexual na escola e em casa (JAIRO BOUER)

A CONDUTA sexual precoce e muitas vezes inapropriada de crianças e jovens tem chamado a atenção no mundo todo. A agência de notícias britânica Press Association registrou mais de 2 mil problemas em escolas do país ocorridos entre janeiro de 2010 e setembro de 2013. Os números podem estar subestimados, já que muitas escolas preferem não notificar as autoridades.

Embora a maior parte dos problemas tenha ocorrido com jovens de 13 a 15 anos, até crianças de 5 anos foram afastadas ou punidas por comportamentos considerados inadequados como bullying, assédio, abuso, divulgação de pornografia ou sexting (envio de textos com conteúdos sexuais). Os episódios foram dez vezes mais comuns entre garotos. O fenômeno também tem sido visto por aqui. As escolas têm de lidar com questões cotidianas de comportamento sexual inapropriado de seus alunos. Entre os mais novos, parece haver dificuldade para perceber limites e de entender a repercussão que algumas condutas podem ter na relação com o outro.

As crianças são precocemente expostas, principalmente por causa da internet, a conteúdos que, talvez, não tenham maturidade para decodificar. Na ausência de um olhar mais atento de muitos pais, influenciadas pelo comportamento do grupo e com acesso rápido a toda sorte de imagens, elas passam a ver com naturalidade algumas atitudes. Enviar fotos com conteúdo erótico e escrever mensagens picantes podem fazer com que a barreira ao contato físico ou sexual diminua, tornando esses atos comuns.

A tendência aponta para a necessidade de a escola trabalhar mais cedo questões como corporalidade, sexualidade e limites. Em casa, a participação mais efetiva dos pais ajudaria as crianças a entender até onde podem chegar e o que pode ser considerado um comportamento inadequado ou abusivo. Entre os adolescentes, a situação também preocupa. Recentemente, no Brasil, algumas situações que culminaram em tragédias (suicídio de algumas jovens) podem ter relação direta com a exposição pública da intimidade em redes sociais. O que muitos não percebem é que, no calor das emoções e do desejo, os jovens se exibem mais do que deveriam.

O fato de perceberem menos risco no ambiente virtual contribui para isso. Imagens guardadas de comum acordo ou, ainda, captadas sem o conhecimento e o consentimento de quem se expõe podem vazar para a rede no momento em que o casal briga ou quando alguém se sente preterido. O resultado é devastador. Sem habilidade para lidar com uma crise dessa dimensão ou com vergonha de pedir ajuda, o jovem pode escolher um caminho sem volta.

JAIRO BOUER é médico especialista em sexualidade jovem. Revista ÉPOCA, Janeiro de 2014.

São Paulo (DRAUZIO VARELLA)

A CIDADE em que passamos a infância nos perseguirá pela vida afora. Podemos mudar para outras regiões ou países distantes, viver por décadas na neve ou no sol escaldante, na calmaria da província ou no burburinho da metrópole, não importa, as ruas de nossos primeiros passos estarão em cada esquina.

Nasci no Brás, bairro cinzento, com ruas de paralelepípedos, em que o apito das fábricas marcava a rotina dos operários com as marmitas, os afazeres das donas de casa e da molecada que passava o dia comigo no futebol na calçada da fábrica, em frente à casa em que morávamos. Numa época em que as famílias levavam as cadeiras para fora nas noites de calor e as contas de luz, água e telefone eram pagas no centro, a cidade já havia crescido tanto que para não me perder na multidão da rua Direita, Praça da Sé ou viaduto do Chá, precisava agarrar firme a mão enorme de meu pai.

São Paulo seguiu em delírio de grandeza. As fábricas emigraram, a prestação de serviços virou fonte de riqueza, avenidas, lojas, bancos e supermercados chegaram a bairros distantes. Moradias e escritórios cresceram na vertical. Para

ver a lua, corro risco de vida debruçado na janela do meu prédio. É um formigueiro de gente afobada. O trânsito insuportável não respeita horário nem fluxo e contrafluxo. A violência urbana, enfermidade contagiosa, virou fobia universal. Construímos mais cadeias superlotadas.

São Paulo é sobretudo feia. Esbanja mau gosto no neoclassicismo brega dos edifícios com nomes franceses, nas vitrines, no desleixo generalizado com as fachadas, nas grades que aprisionam famílias, na pichação grosseira, na cafonice das decorações natalinas, na iluminação mortífera das noites, na americanice grandiloquente dos shoppings, no emaranhado de fios elétricos, nas casas sem reboque das favelas e da periferia inchada, no lixo das calçadas, na tragédia da cracolândia e na miséria andrajosa dos moradores de rua.

Conheci cidades sem um cisco no chão, habitadas por cidadãos instruídos, à beira-mar ou no meio das montanhas, com horizontes a perder de vista, ruas sem imprevistos, silenciosas às oito da noite, bares que fecham às dez. Lugares idílicos, aprazíveis num fim de semana, mas para neuróticos com a alma impregnada pela balbúrdia paulistana, como este que vos escreve, morar neles seria flertar com o suicídio.

O que me encanta e desafia em São Paulo é justamente o estar por fazer, a imprevisibilidade, a confusão urbana que me obriga a reinventar o jeito de viver a cada ano que passa. É a paisagem humana, o caldeirão de negros, brancos, mulatos e orientais, senhoras de roupas recatadas, meninos com o boné virado para trás, homens de gravata, casais que se beijam na boca no meio dos transeuntes, mulheres sedutoras, homossexuais de mãos dadas, camelôs, bêbados, travestis, putas, entregadores de pizza e a legião de motoqueiros que zumbe entre nossos carros atolados no asfalto.

Pernambucanos, paraenses, gaúchos, bolivianos, europeus, asiáticos, africanos, a cidade acolhe a todos. Não que os receba de braços abertos, longe disso, mas se chegam dispostos a trabalhar ninguém lhes pergunta de onde vieram. Hoje, há mais verde nas ruas. Alheios à poluição florescem ipês amarelos, roxos e brancos, flamboyants vermelhos e alaranjados, tipuanas de flores miúdas que atapetam as calçadas, jacarandás mimosos e as sibipirunas com flores amarelas que imitam canários pousados nas copas.

Os pássaros estão por toda parte: bem-te-vis, sanhaços, tico-ticos, chupins, maritacas em algazarra, sabiás-laranjeira que cantam de madrugada. Se até eles que podem voar para qualquer sítio escolhem viver neste inferno, por que não eu? Quero passar o resto dos dias nesta cidade atormentada, desigual, agressiva, gigantesca, absurda, com museus, livrarias, cadeias, botequins, restaurantes, orquestras sinfônicas e mais de cem espetáculos teatrais no fim de semana, ainda que as obrigações e os congestionamentos não me permitam ir a esses lugares.

E, acima de tudo, trabalhar e conviver com a massa crítica de seres inquietos, diversificados, com histórias de vida e visões do mundo estranhas às minhas, que construirá a São Paulo dos meus bisnetos.

DRAUZIO VARELLA é médico cancerologista. Por 20 anos dirigiu o serviço de Imunologia do Hospital do Câncer. Foi um dos pioneiros no tratamento da Aids no Brasil e do trabalho em presídios, ao qual se dedica ainda hoje. É autor do livro 'Estação Carandiru' (Companhia das Letras). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2014.**

Do 11 de setembro às eleições de 2014 (MARCELO BECHARA HOBAIKA)

NO BRASIL, a série de manifestações populares em 2013 são parte de uma cadeia de fatos resultantes dos atentados às Torres Gêmeas e a Washington. Experiências mundiais demonstram que tais movimentos terão significativas consequências eleitorais para o país.

Oficialmente, o século 21 começa em 01/1/2001. Na prática, em 11/9/2001. E, passada mais de uma década, ainda se vivem os reflexos dos escombros e da grande poeira que turvou a sensação coletiva de segurança. Um trauma global e em rede. Qualquer pessoa é capaz de lembrar onde estava quando soube dos atentados. De lá para cá, eventos de impacto mundial vêm se encadeando como numa queda de dominós. Mas qual a relação do ataque com os grandes debates que o planeta enfrenta na economia, na representação – refletida pelas manifestações populares em diversos países– e, agora, na vigilância das comunicações?

Os ataques enfraqueceram três pilares da sociedade americana: política, economia e defesa. Capitólio, Pentágono e World Trade Center foram os alvos. Os dois últimos atingidos, mas todo o globo sofreu os efeitos. Os impactos econômicos foram profundos e levaram a gestão Bush a adotar medidas de redução drástica dos juros. Como consequência, a expansão do crédito gerou uma bolha imobiliária. Além disso, os gastos em defesa atingiram valores absurdos. Faltou dinheiro aos bancos, que passaram a ser ajudados pelo governo. Em 2008, instaura-se o pânico na economia global: a maior recessão pós-crise de 29.

O atentado gerou também uma onda de insegurança, xenofobia e alterações profundas na área de inteligência e vigilância. Os EUA passaram a disseminar uma nova doutrina de defesa e declararam um revide mundial contra o terrorismo, numa verdadeira guerra preventiva. Ainda em 2001, o Afeganistão sofre o primeiro ataque e, em 2002, Bush usa a expressão "Eixo do Mal" para denominar as nações contrárias aos ditames americanos: Coreia do Norte, Irã e Iraque foram imediatamente incluídas.

Em 2003, o Iraque é invadido pelos EUA por supostamente abrigar armas de destruição em massa, nunca encontradas. Manifestantes de diversos países empunham cartazes dizendo "not in my name", já demonstrando uma clara desconexão

entre interesses de grupos de cidadãos e seus representantes. Em 15/2/2013, a Stop the War Coalition reúne cerca de um milhão de manifestantes na Grã-Bretanha.

Em 2004, surgem o Facebook, o Flickr, o Gmail e o termo web 2.0, este para definir o uso da rede que busca aumentar o intercâmbio de informação e a colaboração entre usuários. Em 2005, nasce o Youtube e a internet já é acessada por cerca de um bilhão de pessoas. Assiste-se a uma redução do poder da campanha eleitoral na TV frente à nova possibilidade de compartilhamento de vídeos feitos por todo gênero de câmeras. Evoluindo em fases, a rede mundial passa de simples meio para replicação de notícias em massa e acesso a portais de conteúdo para uma reconstrução ao redor das pessoas por meio das redes sociais. O mundo jamais seria o mesmo.

Em 2008, Barack Obama vence a primeira campanha eleitoral maciçamente sustentada nas redes de comunicação da internet. Em 2011, a Primavera Árabe, emanada da internet, derruba os governos ditatoriais de Tunísia, Egito, Líbia e Iêmen e inspira a guerra civil na Síria. Londres assiste a diversas manifestações populares contra abusos de poder da polícia britânica e as autoridades ameaçam bloquear veículos de comunicação digital para impedir a interação por meio de redes como o Twitter e o Facebook. A Espanha presencia o "Movimiento 15-M", espelhado nos protestos islandeses que, em 2009, derrubaram o governo e, em 2011, escreviam uma nova Constituição para o país por meio da colaboração popular pela rede mundial. Na mesma época, o Occupy Wall Street espalha-se por diversas cidades dos Estados Unidos. O número de usuários da internet alcançava mais de dois bilhões.

As manifestações desencadeadas em diversos países desde os atentados de 11 de setembro desembarcam em junho de 2013 no Brasil com o apoio de mais de 89% da população. Pesquisas indicam ainda que cerca de 80% dos manifestantes se mobilizaram por meio de redes sociais e que o mesmo percentual afirmava não se sentir representado pelos governantes. Observa-se que, apesar das diferenças culturais e locais, os protestos globais guardam em comum elementos como a ausência de liderança, aversão a partidos políticos e a rejeição às instituições e ao poder político. Além disso, utilizam a comunicação em rede e a natural segurança advinda da atuação em grupo como instrumento para debates e reivindicações.

Portanto, ao disponibilizar a organização desses movimentos de forma sistêmica, a internet apresenta-se como mediadora para a democracia colaborativa. O professor de direito de Harvard Yochai Benkler defende que a interação colaborativa pela internet constrói, inclusive, um novo sistema econômico, a transformar o capitalismo. A produção comunitária por meio da rede passou a ser significativa a ponto de impor mudanças sociais.

Nota-se assim que, quanto maior for a expansão da banda larga e da conexão portátil, mais ampla será a capacidade de mobilização coletiva e sua influência sobre as definições políticas do país. É necessário identificar cuidadosamente os interesses desses usuários, em sua maioria jovens, de 14 a 29 anos, para compreender como eles atuarão nas eleições deste ano, mesmo que alguns sequer tenham idade para votar. O debate eleitoral deverá enfrentar o que pensam esses indivíduos que, diuturnamente conectados, compartilham de tudo, colaboram entre si, produzem conteúdos de toda natureza e expõem suas vidas e opiniões. Jovens que, em grupo, sentem-se mais seguros para se expressar em manifestações políticas explícitas ou implícitas, como nas ocupações em shopping.

Nas últimas eleições brasileiras, em 2012, afirmei, em várias discussões, que no Brasil a internet não daria voto, mas tiraria. Hoje, após as transformações sociais promovidas por meio dela e uma interação coletiva nunca antes vista, assiste-se a uma evolução do uso da plataforma. A rede mundial passa a ser fonte inspiradora da própria campanha eleitoral. Um rico ambiente para captação dos interesses sociais e para a construção da credibilidade de candidatos perante eleitores. Não se trata de apropriação dos movimentos. Isso tende a ser rechaçado como ficou claro em 2013. O grande valor está nos debates que devem circular livremente pelas redes sociais.

Liberdade que passou a ser questionada mundialmente após a quebra de confiança na internet com as denúncias de Edward Snowden sobre o programa secreto de vigilância americano, o que motivou o pronunciamento da presidenta Dilma na Assembleia-Geral da ONU, em Nova York, contrário a violações de direitos por parte dos EUA. Nada mais oportuno, portanto, que a Reunião Multissetorial Global sobre o Futuro da Governança da Internet, a ocorrer no Brasil em 2014, não se limite ao desenvolvimento de uma política internacional para a governança da internet em si. Melhor que falar de governança seria tratar de cooperação global e democrática entre todos os setores.

Como um país de várias etnias e religiões que, juntas, convivem em harmonia, o Brasil deve protagonizar propostas reais para que essa interação seja muito maior do que a gestão multissetorial da rede. Não apenas nesse evento, mas também em discussões mais amplas como a Cúpula do Brics, a ocorrer também neste ano.

É necessário ter em mente que a cooperação em rede gera impactos sociais e eleitorais e que o uso dessa extraordinária ferramenta contribui para responder as grandes questões desse século. As manifestações brasileiras ou mesmo os "rolezinhos" são parte de um cenário maior de reorganização mundial ao redor da rede. Um processo que, de acordo com a experiência de outros países, terá impacto significativo nas urnas em 2014.

MARCELO BECHARA DE SOUZA HOBAIKA é membro do Conselho Diretor da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e do Comitê Gestor da Internet no Brasil. Foi consultor jurídico do Ministério das Comunicações e Procurador-Geral da Anatel. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2014.**

Os dez anos do Estatuto do Desarmamento (BRUNO LANGEADI e MARCELO BAIRD)

FRUTO da mobilização de diferentes setores da sociedade, o Estatuto do Desarmamento completou dez anos em dezembro de 2013 e ainda causa um sentimento paradoxal. Por um lado, o estatuto é uma grande conquista e trouxe resultados concretos logo no início de sua entrada em vigor.

O ano de 2004 registrou a primeira queda no índice de homicídios do país após mais de uma década de crescimento ininterrupto. Mas, por outro lado, a lei em grande medida não saiu do papel e está colocando em xeque todos os avanços obtidos na área. O estatuto foi a primeira lei a efetivamente estabelecer uma política de controle de armas no país, definindo parâmetros para a produção, registro, comercialização e destruição das armas. Ao restringir a posse e proibir o porte para civis, teve como principal trunfo a redução do número de homicídios.

A efetividade dessa medida já foi comprovada por diversos estudos. De acordo com pesquisa do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), em média, a cada ponto percentual a mais no número de armas de fogo em uma cidade, a taxa de homicídios chega a aumentar dois pontos percentuais. Ao contrário do que afirma a indústria, as armas utilizadas nos crimes são majoritariamente brasileiras (78%) e de calibres acessíveis a civis, conforme estudo recém-lançado pelo Instituto Sou da Paz. Outro dado da mesma pesquisa mostra o quanto ainda sofremos com as legislações permissivas de outrora, já que 64% das armas apreendidas em São Paulo em 2011 e 2012 foram fabricadas antes do estatuto.

Nesse sentido, esforços para garantir um controle cada vez mais rígido das armas são extremamente necessários para a segurança pública do país. Ações dos três Poderes nos três níveis federativos são fundamentais para garantir o cumprimento de medidas básicas da lei, como um banco de dados integrado, efetiva fiscalização de categorias com acesso a armas e empresas de segurança privada, bem como uma célere destruição das armas apreendidas.

Se não bastassem essas dificuldades, ainda há poderoso lobby visando flexibilizar o estatuto. Diversas categorias profissionais, como agentes penitenciários e profissionais da área jurídica, buscam ter acesso ao porte de armas, com apoio da indústria brasileira, que financiou 28 congressistas da atual legislatura e que, alheia ao impacto negativo de suas ações para a segurança pública, também busca permanentes benefícios fiscais ao setor, que já é o quarto maior exportador mundial de armas leves e pequenas.

Em que pesem esses desafios, a sociedade brasileira permanece firme em sua opção por um controle mais rígido da circulação de armas. Recente pesquisa do Datafolha sobre o posicionamento ideológico da população revelou que 69% dos brasileiros acreditam que a posse de armas deve ser proibida, pois ameaça a vida de outras pessoas. Esse é o sinal para que os tomadores de decisão também se mantenham firmes no sentido de fortalecer o controle das armas no país.

Obviamente sabemos que, para termos um país seguro, é preciso uma abordagem integral e sistêmica do problema da segurança, que envolve conhecimento aprofundado do problema, investimento em ações de prevenção e melhoria do nosso aparato repressivo.

Mas é fato que, num país em que 70% dos homicídios continuam sendo cometidos com armas de fogo, uma efetiva política pública de controle de armas é peça fundamental na engrenagem da segurança pública brasileira. Aproveitemos a data para darmos o passo definitivo para uma real política de controle de armas no país.

BRUNO LANGEANI, 31, bacharel em relações internacionais e direito, é coordenador da área de sistemas de Justiça e segurança pública do Instituto Sou da Paz. **MARCELLO BAIRD**, 28, doutorando em ciência política pela Universidade de São Paulo, é coordenador de projetos do Instituto Sou da Paz. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2014.**

O que nos espera (ZÉLIA CARDOSO DE MELLO)

ACREDITO que 2014 esteja dado. Não haverá mudança na condução da política econômica e, se houver, não será necessariamente positiva. O ano é eleitoral; o que pode haver é uma tendência de se gastar mais, como em 2010. Não há crise, o país continua crescendo, tem baixo desemprego, expressivas reservas internacionais e uma classe empresarial atuante e inovadora.

A atual administração não tem um bom "track record" (histórico) em termos de crescimento econômico, e isso não decorre apenas da conjuntura mundial mais desfavorável. Mais importante são as decisões tomadas por este governo e o anterior. O governo Lula, apesar de ter apresentado taxas de crescimento melhores, foi vítima do próprio sucesso: a popularidade do presidente, a superação da crise de 2008 mais rápida que a de outros países, a ascensão da classe média, o aumento do consumo –enfim, o fato de que tudo ia bem acabou por desestimular a continuação das reformas estruturais que vinham caminhando até 2005.

Dilma Rousseff assumiu o governo no embalo do crescimento de 2010, com alta popularidade, boa imagem no exterior, indicadores macroeconômicos positivos. De novo, não havia incentivo político para reformas. Entretanto, uma coisa é não continuá-las, outra coisa é andar para trás com aumento do intervencionismo, mudança de regras, protecionismo, ingerência no Banco Central, relaxamento fiscal... Precisa de mais? Acho que não. Em ano eleitoral, é difícil para qualquer governo exercer sobriedade fiscal e monetária. Mais difícil ainda para um governo que, no fundo, não acredita que isso tenha valor. Infelizmente, o problema é ideológico.

A presidente Dilma é diferente do presidente Lula. Ela é economista, tem opiniões próprias provavelmente solidificadas e gosta de se envolver com os detalhes da administração. Parece-me que Dilma, apesar do discurso, não acredita que a confiança da classe empresarial seja fator fundamental para o sucesso da política econômica. Parece-me que o governo acreditou que o aumento do consumo seria suficiente para garantir o crescimento econômico; quando a ideia não se confirmou, começou o intervencionismo.

Segundo um estudo do Barclays, entre 2011 e 2012, o governo tomou 42 medidas diferentes para estimular o crescimento e controlar os fluxos de capital. Os setores elétrico e energético sofreram com as medidas do governo e também com a utilização de controle de preços para segurar a inflação. Sem tempo para mudar o panorama econômico, não há por que pagar o preço de se fazer ajustes. A campanha presidencial deverá se basear nas conquistas sociais.

Nada mudará na condução da política econômica neste ano e, portanto, devemos continuar com os mesmos problemas. Considerando-se que, nos últimos anos, a meta de superávit fiscal foi atingida por meio de artimanhas, o cenário pode até piorar. Já os resultados da balança comercial contribuem para a piora da percepção externa.

Para não citar somente dados negativos, vale salientar que o Banco Central retomou as rédeas da política monetária – uma boa notícia. Minha esperança para o Brasil em 2014, além de ganharmos a Copa, é que 2015 chegue logo.

ZÉLIA CARDOSO DE MELLO, 60, economista, foi ministra da Fazenda (governo Collor). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO**, Janeiro de 2014.

Cinco maneiras de detectar uma mentira (ANA FREITAS)

O movimento dos olhos e das mãos e a maneira como a pessoa fala são dicas sobre a honestidade de um relato. Saiba quais são os sinais que indicam que uma pessoa está mentindo



(FOTO: SMILEHAM/FLICKR/CREATIVE COMMONS)

DETECTAR quando alguém não está sendo sincero não é uma habilidade que os detetives da série que você assiste adquirem com a experiência - é saber observar dezenas, centenas de pequenos sinais que o corpo dá durante uma mentira. E isso pode sim vir da experiência, mas também pode ser aprendido. É que o rosto e as expressões faciais, os movimentos da perna, dos braços, a voz e até o cérebro dão uma porção de dicas sobre a honestidade ou a desonestidade de um relato. E se você souber que dicas são essas, pode ser capaz de identificar quando alguém estiver mentindo.

Antes de saber quais são os 10 sinais que podem indicar que alguém está mentindo, saiba muitos deles são sinais associados ao estresse que a pessoa sofre quando precisa mentir. Logo, tome cuidado para não confundir uma pessoa sincera e nervosa por outros motivos com um mentiroso. Além disso, seja sempre cauteloso. Não vale terminar o namoro ou brigar com o melhor amigo por que ele coçou o nariz no meio de uma história.

Uma maneira segura de investigar uma mentira através de sinais subjetivos é estabelecendo um parâmetro para a pessoa que você acha que pode estar mentindo. É simples: faça uma afirmação que você saiba ser verdade sobre ela ("Ah, semana passada você foi viajar para a praia, né?") e observe como a linguagem corporal dela reage ao concordar. Anote

mentalmente. Em seguida, faça outra afirmação sobre ela que você sabe ser mentira ("E lá você terminou com seu namorado, não foi?") e também observe a maneira como ela reage. Registre tudo: pra onde ela olha, como move a cabeça ao negar, as micro-expressões, onde coloca as mãos.

A partir daí, deve ficar mais fácil de identificar as atitudes específicas daquela pessoa em relação a relatos sinceros e mentirosos. Mas existem sinais universais. Conheça-os:

1. Contato visual excessivo

Contato visual excessivo. Você já deve ter lido por aí que quem desvia o olhar pode estar mentindo. Só que um estudo sugeriu que, na verdade, mentirosos podem inclusive fazer contato visual exagerado, justamente numa tentativa inconsciente de camuflar isso. E quem não está mentindo, geralmente, tende a não se preocupar com isso e acaba quebrando contato visual casualmente para olhar para objetos estáticos, o que ajuda a focar e reavivar a memória. Portanto, vale mais a pena ficar atento se o sujeito está olhando demais no seu olho.

2. Mãos escondidas

Fique atento para toques no nariz, cobrir a mão com a boca e palmas da mão escondidas - seja no bolso, nas costas ou cruzando os braços. Quando estamos sendo sinceros, tendemos a expôr as palmas das mãos para o outro. Quando mentimos, somos inclinados a nos fechar e esconder as mãos.

3. O movimento dos olhos

Se você é destro e precisa se lembrar de algo, você olha para cima à esquerda. Se você é canhoto e está inventando algo, seus olhos se movem para cima à direita. Inverta a lógica para canhotos e você tem um mecanismo interessante para saber se alguém está inventando uma história ou contando a partir da memória.

4. Reação demorada

Se a pessoa demora pra concordar ou negar o que você acabou de afirmar e há um atraso no movimento da cabeça, por exemplo, pode ser um sinal de que ela está mentindo. Claro que esse intervalo extra dura décimos de segundos, então precisa ser bem observador pra notar.

5. A maneira como a pessoa fala

Nessa parte, há uma série de sinais que pode indicar uma mentira. Nós listamos algumas reações que são apontadas por psicólogos como sinais de insinceridade:

- Repetir exatamente a mesma frase quando nega ou afirma alguma coisa;
- Não responde diretamente à pergunta: contesta usando uma outra pergunta ou muda de assunto (meio óbvio, ok, mas sempre importante lembrar);
- Usar muitas expressões do tipo "pra ser honesto", "honestamente", "francamente", "sinceramente";
- Falar difícil demais, usando palavras rebuscadas que normalmente não aparecem no discurso daquela pessoa no cotidiano;
- Usar pronomes vagos ou evitar o uso deles. Se o sujeito evitar o pronome "eu" e começar falar usando voz passiva ("isso nunca aconteceu", "não foi feito por mim") ou outros sujeitos gramaticais ("as pessoas geralmente não fazem essas coisas"), ele pode estar tentando se distanciar do que está dizendo;
- Usar detalhes demais;
- Se a voz ficar repentinamente aguda demais ou a pessoa estiver falando mais rápido que o normal, isso pode indicar nervosismo. Gaguejar e parar no meio das frases, também;
- Fazer menos afirmações diretas;
- Repetir exatamente suas palavras ("Você comeu o pudim que estava na geladeira embrulhado em um plástico?" "Não, eu não comi o pudim que estava na geladeira embrulhado em um plástico", por exemplo).

ANA FREITAS é Jornalista e escreve para esta publicação. **Revista GALILEU, Janeiro de 2014.**